

# Redução de 'novos surdos' e evasão explicam o Enem

Tabulações da Folha jogam luz sobre tema pedido na prova e que Ministério da Educação não sabe explicar

**Explicações abrangem queda dos que adquirem surdez, novo perfil da população e um índice maior de saída da escola**

ANGELA PINHO  
DANIEL MARIANI  
DE SÃO PAULO

Tema da redação do Enem, o “desafio da formação educacional de surdos” foi ilustrado na prova com um gráfico indicando uma queda de matrículas entre esse público — algo que nem o Ministério da Educação soube explicar.

Agora, tabulações feitas pela Folha nos microdados do censo escolar jogam luz sobre o que de fato ocorreu. Mostrando uma redução de 23% no universo de estudantes surdos de 2011 a 2016, o gráfico dá a entender que esse público estaria deixando a escola. Mas esse é apenas um entre dois outros fatores: a queda no número de alunos que adquirem a surdez ao longo da vida e a própria transição demográfica por que passa o Brasil.

A mudança do perfil populacional atinge todo o país: com menos crianças em idade escolar, houve uma queda geral de 5% nas matrículas da educação básica de 2011 a 2016. Essa redução ocorreu entre crianças com e sem deficiência e ajuda a explicar uma parte do que está acontecendo com os surdos.

Um outro fator, porém, é específico dessa deficiência. Todos os anos, pessoas que não eram surdas perdem a audição. Desde 2012, isso ocorre cada vez menos nas escolas, segundo os registros do censo da educação básica.

O levantamento é aplicado pelo Inep, instituto de pesquisas ligado ao Ministério da Educação. Nele, cada escola do país preenche um cadastro que inclui a eventual deficiência de cada aluno.

Esses dados mostram que a quantidade de alunos que antes tinham audição e, depois, passaram a ser classificados como surdos caiu 44% daquele ano para 2016.

Um fator que pode ajudar a explicar essa queda é o maior acesso a tratamentos, afir-

ma José Ricardo Gurgel Testa, presidente da Sociedade Brasileira de Otiologia.

Ele explica que grande parte dos casos de surdez adquirida é causada por infecções bacterianas, como a meningite. “Esses casos têm diminuído com o uso de medicamentos cada vez melhores e com um maior acesso da população a eles”, afirma.

Além disso, também tem se disseminado o uso de tecnologias que amplificam a audição, algo que pode interferir na forma como os portadores da deficiência são retratados no censo pelas escolas. É o caso do implante coclear, feito na parte interna da orelha.

Ele não dispensa a necessidade de atendimento especial ao aluno, já que, principalmente no início, o recém implantado enfrenta dificuldades para entender os sons.

## EVASÃO

O atendimento especializado aos surdos, porém, tem falhado no Brasil, de acordo com educadores e estudantes com a deficiência. As dificuldades vão desde o professor virar as costas para o aluno que precisa de leitura labial até a falta de tradutores de Libras (Língua Brasileira de Sinais) e de material didático diversificado para esse público.

A falta de preparo das escolas para receber os alunos é apontada como um dos fatores que aumenta a evasão escolar de surdos. Para verificar o tamanho do problema, a Folha verificou a trajetória escolar de todos os alunos que tinham até 11 anos em 2011. Isso é possível porque cada estudante tem um código único no censo.

Cinco anos depois, 16% dos alunos desse grupo não

estavam mais na escola. Entre os que não tinham a deficiência, o índice era de 9%.

Para Martinha Clarette Dutra dos Santos, ex-diretora de políticas de educação especial do MEC, é preciso investir em formação de professores e intérpretes e mudar a cultura das escolas, acostumadas ao atendimento “padronizado”.

“Historicamente, esse tipo de política sempre resultou em marginalização, e o Brasil assumiu diversos compromissos internacionais de reverter isso”, diz ela, atualmente pesquisadora da Unicamp.

## DEFICIÊNCIAS

Também a partir dos dados do censo escolar, estudo feito pelo movimento Todos pela Educação mostra que a redução do número de matrículas entre 2011 e 2016 ocorreu não só entre surdos, mas também entre pessoas com deficiência auditiva (queda de 3%), surdocegos (32%), cegos (10%) e pessoas com baixa visão (8%).

O movimento vai na contramão do que ocorre com outros grupos de crianças com necessidades especiais. Entre pessoas com deficiência física, por exemplo, houve alta de 22% nas matrículas.

Uma possibilidade é que a adaptação para pessoas com deficiência física exija da escola um esforço de uma vez só: feita uma rampa ou elevador, resolve-se o problema.

Já com os demais grupos, há necessidade contínua de formação de profissionais. Para Priscila Cruz, presidente-executiva da entidade, o país deveria aproveitar que a discussão virou centro das atenções para fazer um diagnóstico preciso da educação de pessoas com deficiência e adotar medidas específicas de formação e infraestrutura.

“Esse tem sido um tema jogado para baixo do tapete em um momento em que o país tem dificuldade de avançar em grandes médias”, diz Cruz, ressaltando a importância de saber lidar com as diferenças entre os estudantes.

“Esse [pessoas com deficiência] tem sido um tema jogado para baixo do tapete em um momento em que o país tem dificuldade de avançar”

PRISCILA CRUZ  
presidente-executiva do movimento Todos pela Educação

» LEIA MAIS na pág. B3

## SURDEZ EM FOCO

Abandono escolar e redução de alunos que ‘viram’ surdos ao longo da vida ajudam a explicar gráfico do Enem

### O QUE DIZ O ENEM

Gráfico aponta queda no número de surdos em escolas públicas e privadas (em milhares de alunos)

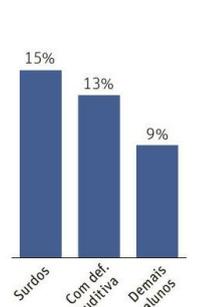


### O QUE OS DADOS MOSTRAM

Três fatores ajudam a explicar a diminuição

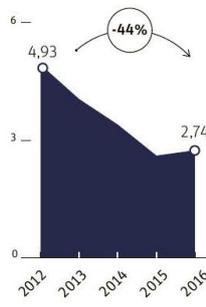
**1** Abandono escolar é maior entre os surdos

Alunos que tinham até 11 anos em 2011 e não estavam mais na escola em 2016



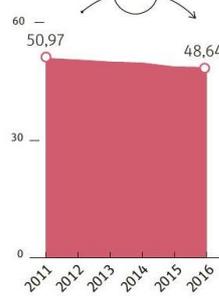
**2** Vem caindo o número de alunos que passam a ser considerados surdos no censo escolar

Alunos que eram ouvintes e passaram a ser classificados como surdos, em milhares



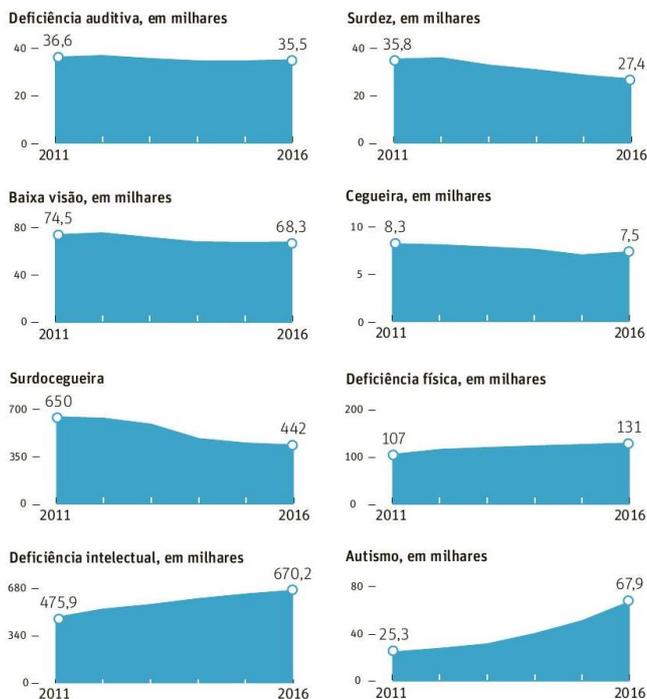
**3** Número de matrículas em geral também vem diminuindo no país

Em milhões



## PANORAMA GERAL DAS DEFICIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO

Matrículas de pessoas com deficiências auditivas e visuais vêm caindo, na contramão das outras deficiências



## DIVERSIDADE NA SURDEZ

Os tipos de deficiência e suas nomenclaturas

**Surdez leve ou moderada**  
> Deficiente auditivo: pode usar aparelhos auditivos comuns

**Surdez severa ou profunda**  
> Surdo sinalizado: se comunica por meio da Libras (língua brasileira de sinais)

> Surdo oralizado: usa a língua portuguesa (ainda que com 'sotaque') e faz leitura labial

> Implantado: usa implante coclear, aparelho que pode recuperar boa parte da audição

> Bilíngue ou bimodal: fala português oral e Libras

### “Surdo-mudo”

Esta expressão não existe, porque todo surdo se comunica de alguma forma

Fontes: Inep e Todos Pela Educação



Mães ao lado dos filhos surdos: da esq. para a dir., Adriana com Tiago, 13, Cleide com Livia, 15, e Maria Aparecida com Fernando, 19

JAIRO MARQUES  
DE SÃO PAULO

Tiago Augusto, 13, Livia Raquel, 15, e Fernando Rodrigues, 19, são surdos usuários de língua de sinais e ainda patinam para conseguir sair do ensino fundamental. Dependem diariamente do intermédio das mães para suas relações sociais, pois sabem pouco da língua portuguesa e não veem boas perspectivas de acesso ao ensino médio.

Os três, todos moradores de porções periféricas de São Paulo, exemplificam parte do desafio de pessoas com deficiência auditiva profunda de conseguirem ter acesso a uma formação de qualidade no Brasil, tema exigido na redação do Enem deste ano.

O caso de Fernando é o mais dramático entre os três. Ele e a família já foram avisados de que, a partir do ano que vem, a escola municipal onde estuda, que é bilíngue (Libras e português), não poderá mais abrigá-lo, pois está no 9º ano, e ele deverá procurar uma unidade que disponha de ensino médio.

Segundo a mãe, ao longo da vida escolar, o jovem foi “repetindo de ano” por dificuldade de aprender e por se sentir acuado em deixar o ambiente em que se acostumou.

“Não sei o que fazer com meu filho. Não encontrei nenhuma escola bilíngue pública que atenda às necessidades dele. Também tentei um curso profissionalizante de desenho, que é a paixão dele, mas não existe nenhuma com instrutor que saiba Libras”, afirma Maria Aparecida Rodrigues Lourenço, 50, mãe de Fernando e que trabalha como cuidadora.

Embora não tenham autonomia total com o português —Tiago, por exemplo, é tido como semialfabeto pela mãe—, os três gostam das escolas onde estão sobretudo porque têm suporte de transporte, uniforme, professores

# SURDOS ACUADOS

Adolescentes com deficiência auditiva profunda e sem domínio da língua portuguesa temem saída do ensino fundamental por falta de boas perspectivas para se adaptarem a escolas públicas do ensino médio

“ Não sei o que fazer com meu filho. Não encontrei escola bilíngue pública que atenda às necessidades dele. Tentei curso profissionalizante de desenho, paixão dele, mas não existe nenhum com instrutor que saiba Libras

MARIA APARECIDA LOURENÇO  
cuidadora e mãe de adolescente surdo

especializados e estão um pouco assistidos e protegidos.

As mães dizem que chegaram a pedir repetidas vezes para que a prefeitura coloque o ensino médio nas escolas onde os filhos estão hoje, embora a obrigação legal dessa etapa da educação esteja com os governos estaduais.

A Secretaria Municipal da Educação, ligada à gestão João Dória (PSDB), afirma que tem atendido as mães e que uma nova reunião está prevista até o final do ano.

“A criança e o jovem tendem a deixar a escola por medo de sair de um ambiente lin-

güístico, onde seu pensamento pode se dar de modo adequado [escolas bilíngues ou sinalizantes], para estudar em ambiente absolutamente hostil”, diz Emilliano Aquino, da Universidade Estadual do Ceará e especialista em educação de surdos sinalizados.

Livia, que está no 8º ano mas já com idade para ingressar no ensino médio, tem receio do futuro, de não se adaptar a um colégio inclusivo, em salas regulares. Em sinais, diz: “Só espero que encontre uma escola feliz”.

Segundo a copleira Cleide Teodoro, 40, mãe de Livia,

apenas famílias que conseguem pagar por reforço escolar ou por instituições especializadas em educação de surdos conseguem ver progressos mais rápido no desenvolvimento dos filhos.

## ORALIZADOS

Mesmo que a educação de surdos por Libras guarde as demandas educacionais mais gritantes e confronte com o modelo de educação inclusiva —em que todos aprendem juntos—, os surdos oralizados, aqueles que desenvolvem a fala e aprendem português, também enfrentam seus desafios de formação.

Para a publicitária e blogueira Lak Lobato, expoente do grupo, “o aluno surdo oralizado também precisa de material adaptado, metodologia adequada. Mas, acima de tudo, precisa encontrar empatia dos profissionais de educação e interesse de incluir”.

Lak, que perdeu a audição na infância, fez o chamado implante coclear e retomou parte de sua capacidade de ouvir, entretanto, não considerava que deixou de ser surda.

“O implante não é uma cura. É uma tecnologia, apenas. Acabando a pilha, quebrando alguma peça, o aparelho não funciona, não temos acesso ao som”, afirma.

## ESTRUTURA

A Secretaria da Educação paulista, ligada à gestão Geraldo Alckmin (PSDB), infor-

mou que atende cerca de 4.500 alunos com surdez e que “o Estado é pioneiro no atendimento a estes estudantes”.

“Os alunos com deficiência auditiva/surdez matriculados na rede estadual recebem, quando se comunicam em Libras, acompanhamento na sala regular de professores intérpretes, que apoiam o professor da sala regular para traduzir os conteúdos ministrados”, informou.

Ainda segundo a pasta, “estes alunos recebem também atendimento nas salas de recursos no contraturno”, que contam com professor especializado, recursos tecnológicos, internet, dicionário e recursos visuais em Libras”.

Para os alunos que não têm conhecimento em Libras, a secretaria diz que oferece o curso na plataforma da Escola Virtual de Programas Educacionais do Estado de SP.

Professores também recebem qualificação constante, de acordo com a secretaria, para ensinar a esse público.

A rede municipal atende 1.251 alunos surdos, dos quais 700 estão matriculados em seis escolas bilíngues espalhadas pela cidade e 227 em duas “unidades polo bilíngues”. Outros 324 incluídos em classes comuns.

Segundo a pasta, sua “política de atendimento reconhece o direito dos surdos a uma educação bilíngue de qualidade que respeita sua identidade e cultura”.